

“... todos deveriam entender que as respostas não são conclusivas, mas servem para promover pautas para futuras discussões” (Gubrium e Holstein, 2003:37).

“A pesquisa fala-nos muito, se não mais, sobre o pesquisador comparado ao que fala sobre o tópico de pesquisa” (Allwright, 2003a:01).

Busco terminar esta pesquisa, retomando os pilares desta investigação, a saber, a PE, as narrativas de experiência profissional e as identidades das colegas com quem trabalhei. Estabeleço ainda as contribuições deste estudo, as limitações encontradas, os entendimentos pessoais alcançados e minhas colocações para estudos futuros.

Quanto à PE, reforço sua fundamental contribuição para este estudo, já que a entendo como um conjunto de princípios que podem nortear cada vez mais pesquisas acadêmicas que estudam a sala de aula e/ou outros contextos de pesquisa pedagógicos ou não. Registro, assim, a contribuição deste estudo para o movimento crescente da PE em contextos acadêmicos. Considero a inserção desta abordagem de pesquisa como um posicionamento teórico-metodológico que pode contribuir para pesquisas futuras que desejem incluir os envolvidos, estimulando a participação dos mesmos.

Ressalto, ainda, a importância dos estudos da narrativa como meio de veiculação de nossas identidades pessoais e profissionais que se mesclam e não apresentam delimitações claras. Considerando as identidades, não cabe tratá-las como fixas, pré-estabelecidas, porque estão sempre se (re) co-construindo. No que tange às narrativas aqui apresentadas, é preciso que estas não sejam encaradas como representações generalizáveis para outros membros do grupo, mas como as narrativas de um grupo maior, complexo e denso, do qual muitos outros professores fazem parte. Acredito, no entanto, que as identidades projetadas e negociadas a partir das histórias de experiência de vida com a PE, possam ser significativas para outros professores ou alunos que pertencem ou não ao grupo da PE do Rio de Janeiro.

No caso específico desta pesquisa, acredito que as narrativas de experiência funcionaram como uma forma de alguns membros afirmarem sua filiação ao grupo. Enquanto membros do grupo da Prática Exploratória, entendido aqui como uma comunidade de prática, ao narrar uma experiência, esses membros tiveram a oportunidade de enfatizar seu pertencimento ao grupo. Gostaria ainda de mencionar que fazer um trabalho visando o entendimento das identidades de membros do grupo sobre o qual pesquiso, proporcionou-me cada vez mais possibilidades e oportunidades para intensificar minha própria participação nele, já que convivo e partilho das experiências constantemente. Enfim, esta pesquisa me permitiu aprofundar meus entendimentos sobre minhas ações no grupo e no meu trabalho.

Foi fascinante perceber os valores que permeiam as identidades profissionais destas colegas-professoras - o compromisso com o trabalho, a dedicação, o querer “ir além” do conteúdo, a preocupação com questões macro-sociais. Destacaram-se preocupações relacionadas às questões de horário, da maneira como o aluno entra em sala, de crescimento do aluno, do ambiente escolar e de alunos interessados no mercado de trabalho. Foram também pontuadas questões como o conhecimento da comunidade, a possibilidade de vislumbrar outras opiniões a respeito da crença que professores da escola pública e particular têm a respeito do ensino de inglês na escola e em cursos livres e, por fim, questões ligadas à qualidade de vida em sala de aula foram pontuadas.

Certamente, nós, professores interessados nestas questões, encontramos muitas dificuldades no caminho de nossa profissão, mas estas não vencem nossa

certeza de querer continuar fazendo o melhor. Sabemos que não temos respostas imediatas para todas as questões lembradas neste estudo, mas temos uma certeza: o que nos move é a busca pelo entendimento. As identidades que afloraram, neste estudo, apontam para professores que buscam estar em sintonia com um novo aluno, uma nova escola, com um mundo pós-moderno.

Espero que esta pesquisa seja relevante para ajudar a entender a sociedade, mais especificamente, esta parte da sociedade composta por alguns membros da comunidade de prática investigada. Como afirma Bastos (2005:74), “as estórias estão nas mais diversas instâncias das nossas vidas e estudar essas estórias é uma forma de compreender a vida em sociedade”.

Desejo ainda, que os entendimentos sobre esta experiência possam ser relevantes para quem já conhece esta comunidade e deseja aprofundar seu conhecimento a respeito de alguns de seus membros ou para quem não a conhece, mas acredita poder aprender com um novo estudo. Isso porque, ao lermos algum trabalho acadêmico, podemos encontrar semelhanças e diferenças entre as estórias de vida narradas e as nossas. Possivelmente, podemos, também, encontrar ecos nas identidades projetadas.

Espero ainda ter contribuído para que nós, membros do grupo, tivéssemos a oportunidade de revisitarmos nossas estórias e que através delas pudéssemos nos conhecer melhor como profissionais engajados na tarefa de disseminar outra visão a respeito do que é pesquisar. Embora segundo Wenger (1998) isso não seja comum, a comunidade de prática que venho estudando tem nome - Grupo da Prática Exploratória do Rio de Janeiro. Dele, me considero hoje, membro central (*core member*), nossas experiências são ricas, porque trabalhamos para construir entendimentos sobre nós mesmos.

Gostaria de registrar que, embora a intenção nesta pesquisa fosse a de envolver, de alguma forma todos os participantes, este tipo de colaboração demanda muito tempo disponível para alcançar os objetivos propostos. Acredito que, talvez, por este motivo, o retorno que esperava para o segundo momento (em que as identidades foram negociadas) tenha sido um pouco escasso: poucos participantes conseguiram selecionar trechos na transcrição para serem comentados na reunião, ficando esta tarefa restrita a mim e a mais duas praticantes apenas. Percebo que este fato ocorreu, talvez, devido à falta de tempo, dos participantes, às condições de trabalho dessas colegas-pesquisadoras ou ainda à

falta de experiência neste tipo de trabalho. Considero também que as duas participantes que conseguiram selecionar os trechos, tenham interesse, quem sabe acadêmico, em estudar narrativas/ identidades ou de aprofundar seus conhecimentos a este respeito. Outra possível interpretação seria que estas duas, em especial, entenderam a proposta como uma oportunidade rara de co-construção de reflexões acerca de nós mesmos.

Hoje, já pensando retrospectivamente, eu teria desenhado a pesquisa de forma um pouco diferente. Eu poderia ter explicado com mais detalhes o que estava buscando fazer quando enviei as transcrições por correio eletrônico. Acredito que, para algumas praticantes, foi difícil entender como identificar as identidades que se projetavam nas histórias. Para que elas tivessem um contato mais real com a interação que ocorreu no primeiro encontro, poderia, talvez, ter mandado o áudio junto às transcrições. Ao lermos as transcrições podemos perder um pouco de toda a vida vivida naquele momento. Outra idéia seria destacar alguns trechos para que elas os olhassem de forma mais atenta, sem explicitar o que eu havia observado ao fazer a transcrição. Por fim, após a conclusão do trabalho em cada mini-comunidade, teria agendado uma reunião para partilhar com todas as praticantes nossa análise colaborativa, ocasião em que poderíamos partilhar nossa experiência em participar de uma pesquisa transgressiva com todos os praticantes-colaboradores e ainda nossos entendimentos individuais do processo.

Acredito que, embora haja alguns trabalhos de pesquisa acerca de identidades profissionais de professores de inglês (Rollemberg, 2008), a contribuição desta pesquisa para a área é importante, na medida em que envolveu profissionais que fazem parte de uma comunidade de prática muito específica. Mas, acima de tudo, este estudo concretiza a participação inclusiva destes professores no processo de pesquisa. Eles não foram meros informantes, mas co-pesquisadores, praticantes. Creio que este tipo de trabalho pode ser um grande aliado na formação continuada de professores que assim como eu se interessam em refletir sobre si, a respeito da própria prática. Faz-se necessário incentivar mais pesquisas que nos ofereçam a oportunidade de pensar sobre nós mesmos, nossas crenças, nossos fazeres pedagógicos, nossa vida profissional. Este desejo foi suprido nesta pesquisa através de impressões enviadas por correio eletrônico, por isso acredito que as possibilidades de trabalho inclusivo são infindáveis.

Uma outra limitação deste estudo foi a utilização dos construtos de Labov para analisar a estrutura das narrativas. Esta análise destacaria elementos como, ponto, avaliação entre outros, que não foi feita devido a razões de tempo e principalmente escopo. Seria bastante interessante verificar, futuramente, o porquê interacional e identitário destes elementos presentes nas interações.

Um futuro desdobramento desta pesquisa poderia ser trabalhar com membros de outras comunidades de prática, professores que não pertencessem ao grupo da PE do Rio de Janeiro. Poderia ser interessante estudar as identidades desses professores e observar em que princípios eles ancoram seu trabalho pedagógico. Outro assunto que desperta meu interesse seria conhecer professores exploratórios a partir da ótica de alunos que conheceram e se envolveram com a PE. Seria uma forma de buscar entender como os alunos constroem as identidades dos professores.

É mister registrar que as interações, a partilha de nossas histórias, a negociação de identidades foram momentos marcantes deste processo que por ora se finda. Mas, acima de tudo, espero que todo este registro venha a suscitar interesse em mais pesquisas envolvendo membros do grupo, que bem mais que praticantes-colaboradores foram parceiros na tarefa de co-pesquisar, de co-construir entendimentos ao longo deste tempo. Todo o processo foi muito envolvente, desde a difícil tomada de decisão de como reuniria as narrativas, passando pelo agendamento por correio eletrônico de nossos encontros com as colegas exploratórias, nossa incompatibilidade de horário, a realização das transcrições, até o próprio redigir e organizar as seções aqui apresentadas.

Por fim, gostaria de registrar que foi bastante desafiador redigir este trabalho, já que foram muitas trocas que geraram importantes entendimentos e que nem sempre é fácil – ou possível – expressarmos o que sentimos ou estamos vivenciando. Assim, faço minhas as palavras de Allwright (2002b):

“Só podemos falar e escrever sobre a Prática Exploratória usando palavras, mas isso não nos deve levar à armadilha de pensar que nossas palavras serão sempre suficientes para expressar nossos entendimentos. As palavras certamente nos faltarão, mas podemos ainda viver nossos entendimentos e isso pode nos trazer muita satisfação”.